

CURRÍCULO ESCOLAR, FORMAÇÃO HUMANA E EXPERIÊNCIAS DE TEMPORALIDADE: AFUNILAMENTOS DA BNCC-EM

Hilda Regina Pereira Menezes Olea¹

Livio dos Santos Wogel²

Neste trabalho procuramos discutir o modo como os currículos da Educação Básica lidam, no contexto escolar, com a coexistência do tempo cronológico e do tempo vivencial inerente à formação humana, dirigindo especial atenção às modificações introduzidas no Ensino Médio pela Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC-EM). Partimos do pressuposto que os currículos são os norteadores dos processos de ensino, pois carregam as intenções da formação a ser ofertada e engendram as ações formativas que se realizarão em um determinado espaço e tempo. É por meio deles que os projetos educacionais alcançam exequibilidade e materialidade.

A escola é uma instituição em que o tempo medido e planejado é muito valorizado e seu uso é extremamente regulamentado, ordenado e ritmado. Porém, não é esse o único tempo da escola. Há também um tempo vivencial, que é o tempo do encontro que é marcado por expectativas e vivências nas quais se realizam o ensino e a aprendizagem que, por mais que elas sejam delimitadas para ocorrer num período de tempo bem definido, as vivências são condicionadas e influenciadas pela realização de encontros que favorecem a formação humana, num tempo de relacionamentos.

Porém, com o advento da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC-EM), mais do que nunca, as regras do jogo econômico capitalista alcançam o cerne da Educação brasileira, pois além de pautar a formação humana através da

¹ Doutora em Estudos Interdisciplinares de Cultura, bacharel e licenciada em Filosofia e professora de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - *Campus* Campo Novo do Parecis - e do Programa de Pós-Graduação Profissional de Filosofia - PROF-FILO - núcleo UFMT. hilda.olea@cnp.ifmt.edu.br

² Doutor em Educação, licenciado em Filosofia e professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – *Campus* São Vicente – e do Programa de Pós-graduação Profissional de Filosofia – PROF-FILO – núcleo UFMT. livio.wogel@svc.ifmt.edu.br



organização temporal ritmada e da racionalidade da produtividade, a própria ideia de performance foi travestida de categorias pedagógicas – *competências e habilidades* – que extinguem a existência de conhecimentos científicos essenciais e estabelecem aprendizagens essenciais de saberes relevantes e pertinentes vinculados a fins extrínsecos ao processo educativo.

Diante dessa problemática, empreendemos uma investigação pela via qualitativa, buscando interpretar elementos da estrutura do sistema educacional brasileiro, explorando e explicitando questões inerentes aos currículos escolares que foram acentuados pela reformulação da lei nº 9.394, de 1996 (LDB) e pelo texto da BNCC-EM. Dessa investigação resultou este texto de caráter interpretativo e argumentativo, na forma de ensaio, que busca analisar os enfrentamentos entre as performances exigidas pela implantação da BNCC-EM e a disponibilidade de tempo para a formação humana realizada nessa fase da educação básica.

A partir da questão: “qual o tempo disponível e a se conquistar para fomentar a formação humana no Ensino Médio, no contexto escolar, a partir do novo contexto de implantação do currículo prescrito e normativo da BNCC-EM?” faz-se uma reflexão crítica das condições temporais e materiais de desenvolvimento do currículo que enseja formar pessoas para o conhecimento e não somente para um ofício. A análise e a interpretação das normativas do Estado Brasileiro são realizadas com o aporte teórico de textos de origem filosófico-pedagógico, tais como os de DEINA (2009), PONCE (2007), SEVERINO (2001), SILVA (2011), entre outros que refletem sobre a constituição filosófica e a formação humana realizada no ambiente escolar.

A tensão entre o tempo medido e o tempo vivencial experimentada no cotidiano escolar pode ser ilustrada através de duas referências mitológicas gregas que são seres relativos ao tempo: o titã *Chronos* e seu filho *Kairós*. O termo grego *Chronos* indica duração controlada, já *Kairós*, o momento certo ou oportuno. *Chronos* é a representação do tempo tirânico e voraz, aquele que devora seus filhos. É da palavra grega *Chronos* que derivam cronômetro, cronológico, cronograma etc.; já a outra representação do tempo para a mitologia grega é *Kairós*. Um deus nu, difícil de ser agarrado, por ser acelerado, ele não se preocupa com o passar do tempo, mas somente com o presente, com um momento oportuno e uma decisão acertada.

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
ENSINO MÉDIO E
EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA AMÉRICA LATINA**



A reflexão acerca dessas duas temporalidades na escola faz com que a tensão, anteriormente nomeada, não seja abafada pela submissão a uma só temporalidade, mas que haja ajustes no tempo entre uma dimensão cronológica e a da vivencial, em vista de aproveitar as oportunidades formativas. Também não é questão de se deixar levar pelo tempo, sem uma ação educativa intencional, sem planejamento de experiências formativas para que, no tempo oportuno, as aprendizagens ocorram e sejam memoráveis e significativas. A relação entre a dimensão *Chronos* e a dimensão *Kairós* deve ser conscientes no processo formativo escolar, especialmente no ensino de filosofia, para que os tempos sejam aproveitados e aconteça a oportunidade formativa.

Essa qualidade da vivência do tempo é pouco visualizada na escola e praticamente banido das novas balizas normativas da Educação Básica, visto que a medida e a prescrição rígida dos períodos e o ritmo acelerado por conta dos prazos são a forma mais influente no contexto escolar. Faz-se importante denunciar que há uma prevalência do tempo cronológico sobre o tempo vivencial. E, essa denúncia é realizada a fim de que o tempo vivencial não seja visto e pensado nas políticas de currículo somente como um contratempo na escola, um simples intervalo ou um tempo premido, ou, até mesmo como um tempo perdido ou desnecessário de ser reconhecido para se organizar a vida e o conhecimento escolar.

A escola, na configuração atual, foi moldada pela mentalidade moderna de economia capitalista e produção industrializada e burocrática. O paradigma de organização do tempo escolar assemelha-se muito com o tempo da produção capitalista fabril, em que a produção industrial depende de uma organização burocrática, seriada e bem controlada de atividades, materiais e pessoas, para que o maior número de produtos possa ser produzido em menor tempo e custo. A mentalidade industrial fabril faz com que a lógica do tempo possa ser racionalizada para garantir um controle minucioso e sem desperdícios sobre as atividades, e que estas possam ser repetidas ciclicamente para facilitar a produção em grande escala e reduzir custos.

As organizações curriculares envolvem o tempo como condição para sua realização e precisam ser refletidas e elaboradas com profundidade e abrangência a fim de que haja uma síntese criativa entre o tempo vivencial e o cronometrado, onde se produzam oportunidades para que o aprendizado e o ensino sejam realizados com

qualidade no tempo possível e necessário. Síntese esta que demanda aos agentes escolares que se posicionem como “senhores do tempo”, ou seja, que o reconheçam como uma condição que possuem a seu dispor para a produção de currículo no tempo e no espaço em que vivem.

No que concerne aos estudantes e a relação de equilíbrio que precisam estabelecer entre o tempo escolar cronometrado e o tempo vivencial, postulamos que a presença da Filosofia no Ensino médio pode, como afirma Deina (2009, p.132) “Colaborar para o aprimoramento de sujeitos, em pleno processo de formação, numa fase crucial para a definição do sentido da existência”. Através dela os estudantes do Ensino Médio são convidados e convocados a darem respostas às leituras de mundo, percebendo-se como autores das próprias histórias, dos processos e conduções existenciais, do processo de produção das razões para si, e das responsabilidades que têm para consigo.

Palavras-chave: Currículo; Ensino Médio; tempo escolar; tempo vivencial

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação **Texto de referência - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).** Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=135951-rcp002-19&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 10 de mar. 2020.

DEINA, Wanderley José. Filosofia no Ensino Médio: uma leitura com base na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. In.: CEPPAS, Filipe; OLIVEIRA, Paula R. de; SARDI, Sergio. A. (Orgs.). **Ensino de Filosofia: formação e emancipação.** Campinas: Ed. Alínea, 2009. p. 131-146.

PONCE, Branca Jurema. **O tempo na construção da docência.** 1997. 239f. Tese (Doutorado em Educação: Supervisão e Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história.** São Paulo: Olhos d’água, 2001.

**CONGRESSO
INTERNACIONAL
ENSINO MÉDIO E
EDUCAÇÃO INTEGRAL
NA AMÉRICA LATINA**



SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.**
3° ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.